



**Keyla Christina Almeida Portela
Alexandre José Schumacher
(Organizadores)**

Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira 2

Keyla Christina Almeida Portela
Alexandre José Schumacher
(Organizadores)

Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
P964	Produção científica e experiências exitosas na educação brasileira 2 [recurso eletrônico] / Organizadores Keyla Christina Almeida Portela, Alexandre José Schumacher. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-552-5 DOI 10.22533/at.ed.525192108 1. Educação – Pesquisa – Brasil. 2. Professores – Formação – Brasil. I. Portela, Keyla Christina Almeida. II. Schumacher, Alexandre José. III. Série. CDD 370.71
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Os e-books intitulados “**Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira**” apresentam 6 volumes baseados em trabalhos e pesquisas multidisciplinares de diversos estudiosos da educação. A produção científica corrobora para o conhecimento produzido e difundido, além de fazer um papel de diálogo entre os pesquisadores e o meio científico.

Estas pesquisas têm como base os estudos multidisciplinares, que apresentam desafios em seu mapeamento, pois envolvem pesquisadores com distintas áreas de atuação. Diante desse cenário, a Atena Editora aglutinou em seis volumes uma grande diversidade acadêmico científica com vistas a uma maior contribuição multidisciplinar.

No primeiro volume encontramos trabalhos relacionados as vivências, práticas pedagógicas, desafios profissionais, formação continuada, bem como propostas de novas técnicas diante do cotidiano dos pesquisadores.

No segundo volume nos deparamos com estudos realizados no âmbito da educação especial, bullying, educação inclusiva e direitos humanos, bem como com políticas educacionais. Neste capítulo, buscou-se apresentar pesquisas que demonstrem aos leitores as experiências e estudos que os pesquisadores desenvolveram sobre os direitos e experiências educacionais.

No terceiro volume temos como temas: as tecnologias e mídias digitais, recursos audiovisuais, formação de jovens e adultos, currículo escolar, avaliação da educação, mudança epistemológica e o pensamento complexo. Neste volume, é perceptível o envolvimento dos pesquisadores em mostrar as diferenças de se ensinar por meio da tecnologia, e, também, com visão não reducionista, ou seja, o ensinar recorrendo a uma rede de ações, interações e incertezas enfrentando a diversidade humana e cultural.

No quarto volume, encontra-se diferentes perspectivas e problematização em relação as políticas públicas, projetos educativos, projetos de investigação, o repensar da prática docente e o processo de ensino aprendizagem. Os artigos aqui reunidos exploram questões sobre a educação básica abordando elementos da formação na contemporaneidade.

No quinto volume, apresenta-se pesquisas baseadas em reflexões, métodos específicos, conceitos e novas técnicas educacionais visando demonstrar aos leitores contribuições para a formação dos professores e as rupturas paradigmáticas resultante das experiências dos autores.

Para finalizar, o sexto volume, traz relatos de experiências e análises de grupos específicos visando demonstrar aos leitores vários estudos realizados em diversas áreas do conhecimento, sendo que cada um representa as experiências dos autores diante de contextos cotidianos das práticas educacionais sob diferentes prospecções.

À todos os pesquisadores participantes, fica nossos agradecimentos pela

contribuição dos novos conhecimentos. E esperamos que estes e-books sirvam de leitura para promover novos questionamentos no núcleo central das organizações educacionais em prol de uma educação de qualidade.

Keyla Christina Almeida Portela
Alexandre José Schumacher

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A AFETIVIDADE SOB O OLHAR DE DOCENTES DE UM CURSO DA ÁREA DA SAÚDE	
Eliane Caldas da Silva Marcele Pereira da Rosa Zucolotto	
DOI 10.22533/at.ed.5251921081	
CAPÍTULO 2	14
A AFRICANIDADE PRESENTE NA OBRA DE IRINEU RIBEIRO	
Abinair Maria Callegari	
DOI 10.22533/at.ed.5251921082	
CAPÍTULO 3	27
A EDUCAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO ESTADO DO PARANÁ: A DÉCADA DE 1990	
Patricia da Silva Zanetti Isaura Mônica Souza Zanardini Lucia Terezinha Zanato Tureck	
DOI 10.22533/at.ed.5251921083	
CAPÍTULO 4	36
A IMPORTÂNCIA DA FESTA DO PINHÃO, PARA A VALORIZAÇÃO DA CULTURA NA COMUNIDADE SANTO ANTÔNIO, LINHA DOS POMERANOS, AGUDO/RS	
Kátia Fernanda Barrim Paz Natália Laura Prodorutti Ricardo Henrique Klüsener	
DOI 10.22533/at.ed.5251921084	
CAPÍTULO 5	48
A IMPORTÂNCIA DO ENVOLVIMENTO PATERNO NO DESEMPENHO ACADÊMICO INFANTIL	
Lisiane Pires Silva Daniela Neris Gonçalves Morgana Mariano Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.5251921085	
CAPÍTULO 6	64
A MESORREGIÃO NOROESTE FLUMINENSE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO: UM ESTUDO DO PERFIL DEMOGRÁFICO E EDUCACIONAL DAS DESIGUALDADES DE UM BRASIL DESCONHECIDO	
Pablo Silva Machado Bispo dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.5251921086	
CAPÍTULO 7	78
A MÚSICA, O SOM E O SILÊNCIO NA CORPOREIDADE	
Ana Paula Silva Guimarães Wylka Aquino da Silva Alzenira de Carvalho Miranda Sônia Bessa	
DOI 10.22533/at.ed.5251921087	

CAPÍTULO 8	90
A PERSPECTIVA HISTÓRICA E POLÍTICA DA INTERDISCIPLINARIDADE PELO ENFOQUE DA EDUCAÇÃO	
Carmem Lúcia Albrecht da Silveira Munir José Lauer	
DOI 10.22533/at.ed.5251921088	
CAPÍTULO 9	102
A SUBVERSÃO DO CURRÍCULO: MÃE DE SANTO COM CURRÍCULO LATTES E OUTROS ENFRENTAMENTOS NA IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/03 NO IFMS	
Guilherme Costa Garcia Tommaselli Gilmar Ribeiro Pereira Leandro Passos	
DOI 10.22533/at.ed.5251921089	
CAPÍTULO 10	114
ANÁLISE DO EQUILÍBRIO ESTÁTICO DE ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN	
Wanessa Eloyse Campos dos Santos Josielen de Oliveira Feitosa Meire Ferreira Pedroso da Costa Robson Alex Ferreira Ruth Alves de Souza Sandra Simone Silva Cruz Viviany da Silva Brugnhago	
DOI 10.22533/at.ed.52519210810	
CAPÍTULO 11	124
APRENDIZADO DO BRAILLE: ACESSO AO CONHECIMENTO E POSSIBILIDADES DE INCLUSÃO	
Márcia Raimunda de Jesus Moreira Silva Diná Santana de Novais Lucimara Morgado Pereira Lima Luciana Costa Souza Marta Martins Meireles Nélia de Mattos Monteiro Tháise Lisboa de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.52519210811	
CAPÍTULO 12	138
AS AÇÕES EDUCACIONAIS DO GOVERNO FEDERAL DE INCLUSÃO PARA ALUNOS SURDOS NO ENSINO REGULAR: E AS IMPLICAÇÕES SÓCIOESPACIAIS	
Gilmar Oliveira da Silva Patrícia Almeida dos Santos Cristiane Oliveira dos Anjos	
DOI 10.22533/at.ed.52519210812	
CAPÍTULO 13	145
ATENDIMENTO A ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES E SUPERDOTAÇÃO: PROPOSTA DE POLÍTICA PARA REDES MUNICIPAIS DE ENSINO	
Kamile Lima de Freitas Camurça Gleíza Guerra de Assis Braga Antonio Nilson Gomes Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.52519210813	

CAPÍTULO 14	150
<i>BULLYING</i> E DIREITOS HUMANOS: UM DIAGNÓSTICO DA ESCOLA ESTADUAL ANTÔNIO EPAMINONDAS, CUIABÁ, MT	
Gilson Pequeno da Silva Deyvison Ronny da Silva Lopes Rodney Mario de Almeida Raquel Martins Fernandes Mota	
DOI 10.22533/at.ed.52519210814	
CAPÍTULO 15	156
COMO VAI O NOSSO TRÂNSITO?	
Jaci Lima	
DOI 10.22533/at.ed.52519210815	
CAPÍTULO 16	168
CONCEPÇÃO DE DIREITOS HUMANOS E VIOLAÇÕES DESSES DIREITOS NA ATUALIDADE	
Roberta Moraes Simione Denize Aparecida Rodrigues de Amorim	
DOI 10.22533/at.ed.52519210816	
CAPÍTULO 17	179
CONHECIMENTO E FORMAÇÃO AMBIENTAL DE ALUNOS DO NÍVEL MÉDIO DA UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE GUERRERO	
Herlinda Gervacio Jiménez Benjamín Castillo Elías	
DOI 10.22533/at.ed.52519210817	
CAPÍTULO 18	191
DESAFIOS E POSSIBILIDADES: CULTURA, MEMÓRIA E EDUCAÇÃO EM DUAS EXPERIÊNCIAS DE EXTENSÃO NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS	
Aruanã Antonio dos Passos Wilson de Sousa Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.52519210818	
CAPÍTULO 19	202
DESENVOLVIMENTO MOTOR DE UMA CRIANÇA COM MICROCEFALIA E PARALISIA CEREBRAL	
Josielen de Oliveira Feitosa Robson Alex Ferreira Wanessa Eloyse Campos dos Santos Ruth Alves de Souza Meire Ferreira Pedroso da Costa Sandra Simone Silva da Cruz Viviany da Silva Brughnago Victor da Cruz Valle	
DOI 10.22533/at.ed.52519210819	
CAPÍTULO 20	212
DIVISÃO DO TRABALHO EM CRECHES PÚBLICAS EM MEIO A DISPUTAS LEGAIS: O CASO DE MAUÁ/SP	
Sanny S. da Rosa Fernanda Feliciano de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.52519210820	

CAPÍTULO 21	233
“DO CÉU SÓ CAI CHUVA”: CULTURA E IDENTIDADE INDÍGENA	
Priscila Chuarts Alessio	
Márcia Andréa dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.52519210821	
CAPÍTULO 22	244
EARLY DIAGNOSIS TO THE PEDIATRICS CANCER: THE TELE-EDUCATION IN FAVOUR	
Mariana Boulitreau Siqueira Campos Barros	
Kayse Mariano Santos Barros	
Magaly Bushatsky	
Jocasta Bispo de Santana	
Vera Lúcia Lins de Moraes	
Raul Antônio Moraes Melo	
Paula Rejane Beserra Diniz	
Magdala de Araújo Novaes	
Helana Maria Ferreira Renesto	
DOI 10.22533/at.ed.52519210822	
CAPÍTULO 23	257
INVERTENDO PRIORIDADES NAS POLÍTICAS PARA A EDUCAÇÃO EM MATO GROSSO	
Odorico Ferreira Cardoso Neto	
DOI 10.22533/at.ed.52519210823	
CAPÍTULO 24	273
EDUCAÇÃO INCLUSIVA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ACESSIBILIDADE NA EDUCAÇÃO DO CAMPO EM DOM PEDRITO	
Maria Helena Mena Dutra	
DOI 10.22533/at.ed.52519210824	
CAPÍTULO 25	288
EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA: UM TRABALHO EM CONSTRUÇÃO	
Liliane dos Guimarães Alvim Nunes	
Lavine Rocha Cardoso Ferreira	
Priscila Moreira Corrêa-Telles	
Lucianna Ribeiro de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.52519210825	
CAPÍTULO 26	297
ENSINO COLABORATIVO COMO PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O TRABALHO COM ALUNOS PÚBLICO ALVO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL: ALGUMAS REFLEXÕES	
Gislene de Sousa Oliveira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.52519210826	
CAPÍTULO 27	307
ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS E AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: POSSIBILIDADES DE MUDANÇAS	
Michelle Castro Silva	
DOI 10.22533/at.ed.52519210827	

CAPÍTULO 28	321
LETRAMENTO CARTOGRÁFICO NA GEOGRAFIA ESCOLAR: O <i>GOOGLE EARTH</i> COMO RECURSO DIDÁTICO NUMA PROPOSTA DE ENSINO HÍBRIDO	
Jonas Marques da Penha Andréa de Lucena Lira Alexsandra Cristina Chaves Rucélia Patricia da Silva Marques	
DOI 10.22533/at.ed.52519210828	
CAPÍTULO 29	334
LETRAMENTO E LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA	
Gislene de Sousa Oliveira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.52519210829	
CAPÍTULO 30	345
LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA: REPRESENTAÇÕES DE FAMÍLIA NO DISCURSO DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Camila Bonin Liebgott Rosa Maria Hessel Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.52519210830	
SOBRE OS ORGANIZADORES	359
ÍNDICE REMISSIVO	360

CAPÍTULO 11

APRENDIZADO DO BRAILLE: ACESSO AO CONHECIMENTO E POSSIBILIDADES DE INCLUSÃO

Márcia Raimunda de Jesus Moreira Silva

Analista Universitária - Universidade do Estado da Bahia/UNEB
Pedagoga - UNEB
Professora de AAE/DV – Capene
Especialista em Educação Especial – UEFS
Especialista em Atendimento Educacional Especializado - UNESP
Doutora em Educação – Universidad Internacional Três Fronteras
marajesu@gmail.com / mjesus@uneb.br

Diná Santana de Novais

Analista Universitária - Universidade do Estado da Bahia/UNEB
Pedagoga - UNEB
Especialista em Gestão, Supervisão e Orientação Educacional
Especialista em Metodologia da Língua Portuguesa e Literatura Brasileira

Lucimara Morgado Pereira Lima

Professora de AEE/DV
Pedagoga UNEB
Especialista em Educação Especial e Inclusiva
Especialista em Educação Infantil – Universidade Federal da Bahia - UFBA

Luciana Costa Souza

Analista Uneiversitária - Analista Universitária - Universidade do Estado da Bahia/UNEB
Pedagoga - UEFS
Especialista em Educação Especial
Pós-graduanda em Letras/ LIBRAS - UNEB

lucsouza@uneb.br

Marta Martins Meireles

Professora de Sala de Recursos Multifuncionais
Pedagoga – Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Especialista em Educação Especial - UEFS
Mestra em Educação – Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS

Nélia de Mattos Monteiro

Analista Universitária - Universidade do Estado da Bahia/UNEB
Pedagoga - UNEB
Especialista em Educação Especial - UEFS
nmonteiro@uneb.br

Tháise Lisboa de Oliveira

Pedagoga
Professora de AEE/DV
Coordenadora Pedagógica

RESUMO: Este resumo relata a experiência de extensão e pesquisa em Braille, realizada no município de Serrinha e região. Os objetivos foram aprimorar a prática pedagógica do professor do AEE, construir recursos pedagógicos adaptados, criar possibilidades para fortalecimento do processo de inclusão do estudante com deficiência, fomentar o aprendizado do sistema de leitura e escrita Braille e, sobretudo, a construção de novos olhares acerca da ação docente na área da

deficiência visual produzindo uma aproximação entre professores da Educação Básica, graduandos de licenciaturas e o público alvo da Educação Especial. A metodologia se dá na perspectiva teórico-prática, participativa, interativa e dialógica, tendo como objetivos conhecer, registrar e analisar as informações da prática pedagógica dos professores cursistas, e a realidade dos estudantes com deficiência nas escolas municipais e estaduais. O Referencial Teórico teve o aporte de autores como Beyer (2003); Vygotsky (1997); Silva (2008); Gugel (1999); Mantoan (2006); Carvalho (2013) entre outros. Os resultados evidenciam carência na oferta de cursos na área da educação especial; lacunas na prática docente; satisfação pelo aprendizado do sistema Braille e construção de recursos pedagógicos. Concluímos que embora tenha sido um curso com o objetivo de aprender Braille e este venha a tornar-se uma ferramenta para que o estudante com deficiência tenha mais uma possibilidade de acesso ao conhecimento, percebemos que é necessário por parte dos poderes públicos acompanhar o processo de implantação de políticas públicas educacionais e de aumentar a oferta de cursos de formação continuada por parte das instituições educacionais públicas.

PALAVRAS-CHAVE: Braille. Deficiência Visual. Prática Pedagógica. Recursos Pedagógicos.

BRaille LEARNER: ACCESS TO KNOWLEDGE AND INCLUSION POSSIBILITIES

ABSTRACT: This summary reports the experience of Braille extension and research, carried out in the municipality of Serrinha and region. The objectives were to improve the pedagogical practice of the ESA teacher, to build adapted pedagogical resources, to create possibilities to strengthen the process of inclusion of the disabled student, to promote the learning of the Braille reading and writing system and, above all, to construct new looks about of the teaching activity in the area of the visual deficiency producing an approximation between teachers of Basic Education, undergraduate students and the target audience of Special Education. The methodology is based on a theoretical-practical, participatory, interactive and dialogical perspective, aiming at knowing, recording and analyzing the information of the pedagogical practice of the cursista teachers, and the reality of students with disabilities in municipal and state schools. The theoretical framework was supported by authors such as Beyer (2003); Vygotsky (1997); Silva (2008); Gugel (1999); Mantoan (2006); Carvalho (2013) and others. The results show lack in the offer of courses in the area of special education; gaps in teaching practice; satisfaction by learning the Braille system and building pedagogical resources. We conclude that although it was a course with the objective of learning Braille and this will become a tool for the disabled student to have a greater possibility of access to knowledge, we realize that it is necessary for the public authorities to follow the process of implementation of public educational policies and to increase the supply of continuing education courses by public educational institutions.

KEYWORDS: Braille. Visual impairment. Pedagogical Practice. Pedagogical Resources.

1 | INTRODUÇÃO

O Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, localizado no território de Identidade do Sisal, composto por 20 cidades, desenvolve ações na área de Educação Especial/inclusiva por meio de ações de extensão, pesquisa e ensino - tripé que compreendemos como atividades importantes de qualquer universidade voltadas para a inclusão da pessoa com deficiência no ambiente acadêmico. A região é carente de formação inicial e continuada na área da Educação Especial/Educação Inclusiva.

Para não incorreremos no risco de esquecer de citar algum autor de projetos na respectiva área, nos ateremos às ações desenvolvidas por nosso grupo, enquanto protagonistas de extensão e pesquisa. Desta forma, trazemos o relato da experiência deste projeto que teve a pretensão de contribuir para a difusão do conhecimento acerca do Braille. Embora saibamos que nem todas as pessoas com deficiência visual façam uso deste recurso, é essencial em seu processo de alfabetização, a princípio, e posteriormente que utilizem da Tecnologia Assistiva no seu cotidiano.

Nossa proposta de extensão e pesquisa na área da deficiência visual tornou-se fecunda a partir do ano de 2011, com a oferta de cursos de Braille, com carga horária de 80 a 120 horas, ofertada nos três turnos, devendo o cursista fazer opção por um. A princípio, a proposta era que os cursos fossem ofertados com carga horária de 60 horas. Entretanto, como os participantes eram, em sua grande maioria, professores da rede municipal e estadual, estes propuseram que o curso contemplasse uma carga horária a partir de 100 horas e eles poderiam ser contemplados com um acréscimo de 5% nos respectivos salários. Os dados colhidos servem de norte para o desenvolvimento de futuras ações (seminários, colóquios, escrita de Trabalhos de Conclusão de Curso e a própria extensão).

Assim, pedimos que propusessem uma alternativa, visto que o conteúdo de Braille não comportaria todo esse tempo, considerando que trabalharíamos no Módulo Básico, ou seja, nas noções, treinamento e compreensão de regras desse sistema de lecto escrita. Surgiram várias alternativas, das quais a que teve melhor recepção foi a execução de oficinas em outros espaços educacionais, tendo como objetivo principal despertar o interesse de videntes pelo seu aprendizado.

2 | OBJETIVOS DO CURSO

O curso foi pensado visando contribuir para formação continuada dos professores da região, fortalecer o processo de inclusão do estudante com deficiência, oportunizar aos estudantes do Departamento de Educação do Campus XI – Serrinha, não somente a compreensão do sistema de leitura e escrita Braille, mas, sobretudo, a construção de novos olhares acerca da ação docente na área da deficiência estreitando as relações entre graduandos das licenciaturas e o público

alvo da educação especial, especificamente o estudante com deficiência visual (cegueira ou baixa visão).

A justificativa para esta ação é que embora os currículos das universidades tenham disciplinas de educação especial, principalmente direcionadas para Língua Brasileira de Sinais, e uma outra disciplina de Educação Inclusiva, é necessário construir pontes para estreitar o aprendizado com a prática pedagógica, que devido as especificidades do sujeito com deficiência, muitas vezes é diversa, mas, é sobretudo, singular: dois sujeitos com uma mesma deficiência, tem necessidades educacionais muitas vezes diferenciadas, dependendo do contexto de onde provém.

Essa experiência de extensão e pesquisa que completa oito anos, traz relatos dos vários sujeitos: professores preocupados em futuramente terem um estudante com deficiência em sala de aula; professores temerosos de serem enviados para uma Sala de Recursos Multifuncionais, neste caso, mesmo atendendo os pré-requisitos da formação/habilitação específica; e as dos graduandos de atuarem como docentes junto ao estudante público da educação especial.

3 | METODOLOGIA DO CURSO E SUJEITOS MINISTRANTES - PERFIS

Este projeto contou com uma metodologia dinâmica, participativa, interativa, dialógica que se inicia a partir do planejamento das atividades a serem desenvolvidas no curso de extensão, passando pela fase da divulgação, onde sinalizamos o perfil do cursista (com exceção dos graduandos) até o calendário com a execução das oficinas, pelos cursistas, nos espaços formais e não formais de educação, bem como suas respectivas ações, cujos públicos variam de professores da Educação Básica a estudantes dos mais diversificados cursos (Técnicos, Profissionalizantes, Magistério dentre outros).

Seis docentes participaram como ministrantes efetivos, todos em caráter voluntário, responsáveis também pelo planejamento, especialistas, mestra e doutora em educação especial ou habilitados para o exercício da função, com larga experiência na área do Atendimento Educacional Especializado. Destes, dois são profissionais cegos, mas todos acumulam larga experiências na área educativa, além de fazerem parte de grupos de pesquisas ativos.

Entre os estudantes, tivemos um total inicial de noventa e dois participantes, número que finaliza com cerca de setenta e cinco concluintes. Não há uma cota de participação por segmento. Em geral, é pela ordem de inscrição, embora o público prioritário seja professores da Educação Básica e estudantes das licenciaturas em Pedagogia e Geografia. Esta última turma (2018.2), fomos surpreendidos por um público bastante diversificado (funcionários, intérprete da Língua Brasileira de Sinais, Gestores e outros).

A ação de pesquisa, por meio da escuta sensível, e de questões postas pelos cursistas, contribuiu para construirmos um relatório das situações vivenciadas por

estes sujeitos nos espaços educativos e das lacunas observadas nos currículos das licenciaturas, tendo como principal queixa a carga horária e a quantidade de disciplinas, insuficientes para o escopo das deficiências.

Na questão da pesquisa os objetivos, alguns relatados acima, tiveram seu alcance por meio da interação, dos diálogos, das conversas informais, dentre eles, conhecer, registrar e analisar quantitativa e qualitativamente informações e dados acerca dos estudantes com deficiência nas cidades cujos cursistas provinham, bem como aprimorar a prática pedagógica dos que já atuavam como docentes com esse público específico.

4 | DESENVOLVIMENTO

Ao longo de décadas tivemos um clamor dos diversos movimentos sociais, sobretudo, dos envolvidos com a educação e de pais de estudantes com deficiência pelo reconhecimento das capacidades desses sujeitos e pela sua inclusão nos vários segmentos sociais, visando reconhecer seu direito de estar e conviver juntos. Levando inclusive a fortes embates jurídicos, principalmente no cenário norte-americano. Assim, uma das legislações brasileira pontua que:

O movimento mundial pela educação inclusiva é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os estudantes de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação. A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola. (BRASIL, 1994)

O Brasil, signatário de vários documentos internacionais que embasam a prática docente voltada para a educação especial/inclusiva, rico de políticas educacionais inclusivas, ainda permanece carente de práticas pedagógicas realmente inclusivas e necessitado de formação continuada para docentes que atuam em Salas de Recursos Multifuncionais. Além disso, Não consegue atender aos parâmetros estabelecidos pelas normativas educativas relacionadas ao fazer pedagógico com escolas que não dão conta da diversidade e nem de recursos específicos ao público alvo da educação especial. Os cursos de graduação não conseguem fortalecer o elo entre a teoria e a prática da formação de docentes e menos ainda dos que terão estudantes com deficiência.

Parece à primeira vista um cenário desalentador. Infelizmente, este é o cenário da grande maioria das cidades que compõem o Território de Identidade do Sisal, na região nordeste da Bahia. Visando clarear nosso diálogo, pontuamos que existir política pública não significa implantar/executar políticas públicas. Riqueza de legislação; pobreza de prática e de formação. É preciso que os gestores públicos (Prefeitos e Secretários de Educação) busquem fortalecer as práticas educativas

pautando a diversidade como norte, a educação inclusiva como foco e a educação especial como uma prioridade.

É preciso não confundir os conceitos. Sem politicagens. Não se brinca com vidas. “Fazer de conta” que temos uma educação inclusiva, quando o espaço educativo mais exclui que inclui, mesmo o sujeito estando em convívio com o outro, não é inclusão. Esta significa respeitar o outro em sua singularidade e subjetividade, oferecendo-lhe condições de desenvolver-se dentro das suas possibilidades. O relato abaixo retrata a realidade de muitos estudantes com deficiência no ambiente escolar.

Há rejeição no espaço escolar tanto por professores quanto por colegas de sala. São vistos, em sua maioria, como sujeitos incapazes de aprenderem, e a escola torna-se o local de “passar o tempo”, “fazerem de conta” que aprendem. Os gestores sabem que recusar esses alunos, do ponto de vista legal, culmina em processos impetrados por pais ou responsáveis. Entretanto, o processo inclusivo é amplo e envolve uma gama de profissionais da educação, não somente professores. Devem ser estimulados a participar desta ação todos os sujeitos que exercem suas funções no espaço escolar. No entanto, a inclusão não deve se resumir a apenas este local, considerando sua complexidade e amplitude. E, é no ambiente escolar que impera o discurso de respeito e compreensão do outro em sua subjetividade. (SILVA, 2013. P. 83)

A prática docente que não contempla uma formação/habilitação docente para atuar na educação especial é estar excluindo maciçamente o estudante com deficiência. É preciso ter intérprete em sala de aula, mas é preciso que as políticas direcionadas ao público que não ouve e defende tanto a identidade e a cultura surda sejam respeitadas também no ambiente escolar, social, econômico, cultural. O contrário também é verdadeiro: possibilitar ao estudante surdo que quer ser oralizado e que não se identifica nem com a identidade e nem com a cultura surda, mas a ouvinte.

Da mesma forma é preciso que os professores, mesmo não sendo usuários de Braille, sejam conhecedores de seus sinais gráficos e que seja possível, fazerem a leitura e a escrita, para possibilitar que o estudante usuário do Braille tenha facilitada sua aprendizagem e suas atividades estejam transcritas em Braille, ao mesmo tempo, eles tenham os recursos tecnológicos à sua disposição. O professor Robenilson Nascimento (2018, p. 14) acentua a importância do Braille:

[...] culminando com a invenção de Louis Braille de um código de leitura e escrita, ainda hoje considerado adequado para o processo de alfabetização, desenvolvimento cognitivo e acesso ao conhecimento de indivíduos com deficiência visual.

Não estamos com este artigo impondo que todos os cegos devam fazer uso do Braille após o seu processo de alfabetização, mas reconhecendo este como um recurso que facilita a aprendizagem do estudante cego até mesmo onde a Tecnologia Assistiva, de alto custo, não alcança. E com as dimensões continentais do Brasil, teremos um grande público não usuários da TA por um longo período.

A dificuldade do estudante ter acesso a TA de alto custo, neste caso, a TA que envolve o uso de recursos eletrônicos como se dá no caso dos leitores de tela, a disponibilidade de notebooks, celulares e outros, ocorre em grande parte, pelo próprio custo de aquisição desses recursos e outros por causa da política de implantação das Salas de Recursos disponibilizadas pelo Ministério da Educação, além claro, dos desvios desses recursos para serem usados em espaços administrativos, fato sobre o qual não falaremos neste artigo, pois não é nosso objetivo.

Falando de TA o conceito que fundamenta esta área pode ser encontrado na terminologia forjada pelo Comitê de Ajudas Técnicas:

Tecnologia Assistiva é uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social” (ATA VII - Comitê de Ajudas Técnicas (CAT) - Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE) - Secretaria Especial dos Direitos Humanos - Presidência da República).

Por ser uma área de conhecimento e, não uma disciplina, é sempre versada no singular: Tecnologia Assistiva. Inclusive é uma palavra que ainda não se encontra incorporada no dicionário brasileiro, exceto pela expressão “ajudas técnicas” que faz parte do nosso cotidiano pedagógico.

O Braille foi inventado em 1825, por Louis Braille, que nasceu em 04 de janeiro de 1809, em Coupvray na França, a cerca de 40 quilômetros de Paris. Sua deficiência visual, ocasionada por um acidente com uma soveia, a idade de 3 anos, e a perda total da visão aos cinco, impulsionado por sua curiosidade em querer aprender e conhecer o mundo, ou seja, em ter abertas as portas para o conhecimento, o levou a desenvolver um método de leitura aprimorado de outras tentativas por autores anteriores, como a comunicação no escuro que usava letras em relevo, cuja leitura era feita pelo tato, uma invenção do Capitão Charles Barbier.

As pesquisas de Louis Braille o conduziram a um sistema de leitura mais aprimorado, que substituíria as alternativas existentes até então, mas considerando as altas somas gastas com as descobertas anteriores, houve uma tentativa de sabotar o uso do Braille. Este só veio a ser conhecido e difundido depois da morte do seu autor, principalmente por meio de uma artista musical, cega e amiga de Braille, que se encarregou de dar visibilidade a esta descoberta.

O Braille, hoje, é uma alternativa a mais para o acesso ao conhecimento por quem perdeu a visão ou quem tem baixa visão. Ele possibilita a leitura e a escrita, por pessoas cegas, que fará a leitura tátil, ou por quem enxerga, que evidentemente fará a leitura pela visão, exceto se tiver o tato treinado, o que consideramos uma raridade. É um sistema de leitura e escrita adotado no mundo e reconhecido pela Organização das Unidas para Educação, Ciência e Cultura - UNESCO (SILVA; CARVALHO. 2012) Ele permite também a autonomia dos seus usuários. Infelizmente, não possuímos

uma biblioteca completa ou livros em grandes quantidades e com títulos diversos que possam estar à disposição do estudante.

O uso do Braille permite o acesso a qualquer conhecimento. Ele pode ser escrito por meio da reglete e punção, da máquina Braille ou da impressora Braille. Ele também pode ser utilizado no processo de alfabetização do estudante cego.

O período de execução do último ciclo do curso foi de 29 de agosto a 28 de novembro de 2018, totalizando 100 horas, distribuídas conforme quadro abaixo:

ATIVIDADE	CARGA HORÁRIA
Aulas Presenciais	40h
Elaboração de Projeto de oficina a ser ministrada pelos cursistas em instituições/escolas	10h
Pesquisa (Bibliográfica/Campo)	20h
Construção de recursos adaptados para utilização na oficina	20h
Execução da oficina	10h
Carga horária total do curso	100h

TABELA 01. PLANO DE EXECUÇÃO DO CURSO

Fonte: pesquisadoras (2018)

Durante o desenvolvimento do curso, foi realizado o aprendizado do Braille incluindo algumas de suas regras, cujo formato buscou alternar teoria e prática. Foi utilizado recursos como reglete, punção e máquina Braille (esta apenas para saber como se dava a escrita em Braille, feita em uma instituição de atendimento a estudantes com deficiência). Usaram ceta Braille em emborrachado, atividades em Braille para fazerem a transcrição em tinta, caça-palavra, mensagens secretas e poesia.

4.1 Imagens de edições anteriores e atuais do curso de Braille



FIGURA 1. CONSTRUÇÃO DE ALFABETO ILUSTRADO EM BRAILLE.

Fonte: MONTEIRO, N. de M. (2013)

Descrição: A imagem mostra em plano geral cinco folhas de papel azul com objetos representativos colados, dispostas sobre a mesa. Cada folha contém um objeto colado, sendo: uma escova de dente rosa, um pedaço de toalha colorido, um prato pequeno de plástico rosa, um pente verde, frascos pequenos de shampoo e condicionador; Em pé, uma cursista do lado esquerdo da mesa segura na mão uma folha de ofício está colada a letra C e o correspondente em Braille, confeccionados em emborrachado e uma caneta. Ao fundo, parede branca, com carteiras estudantis dispostas.



FIGURA 2. MOMENTO PRÁTICO DO CURSO DE BRAILLE.

Fonte: SILVA, M. R.J.M da. (2014)

Descrição: a imagem mostra em primeiro plano, sob o braço de uma cadeira reglete e punção, duas canetas e o celular de uma das cursistas que manuseia uma cela Braille em emborrachado. Em plano geral, duas cursistas sentadas em cadeiras estudantis azuis e brancas, manuseando celas Braille confeccionadas em emborrachado. Todas estão sentadas em semicírculo. Ao fundo, parede branca.



FIGURA 3. MOMENTO PRÁTICA DO CURSO DE BRAILLE.

Fonte: SILVA, M. R.J.M da. (2014)

Descrição: imagem captada de cima para baixo, mostra cursista sentada em cadeira azul e branca transcrevendo o alfabeto Braille usando reglete de mesa e punção.



FIGURA 4. EXPERIÊNCIA TÁTIL

Fonte: OLIVEIRA, T. L. (2018)

Descrição: a imagem mostra em primeiro plano uma cursista com olhos vendados tocando em uma esponja de aço, que está afixado em um painel de T.N.T. colado a parede. Do seu lado direito encontra-se colada no mesmo painel uma caixa de papelão para embalagem de ovos, enquanto outra cursista mais atrás, também com olhos vendados, toca em canudos plásticos, afixada no mesmo painel.



FIGURA 5. CONHECENDO A MÁQUINA BRAILLE

Fonte: OLIVEIRA, T. L. (2018)

Descrição: a imagem mostra em plano geral uma cursista manuseando uma Máquina Braille que encontra-se sob um balcão em uma sala, observada atentamente por duas outras cursistas. Ao fundo, uma janela fechada e uma porta aberta.



FIGURA 6. CONHECENDO UMA CELA BRAILLE

Fonte: OLIVEIRA, T. L. (2018)

Descrição: a imagem mostra em plano geral uma cursista em pé, ensinando Braille para uma criança que encontra-se sentada na carteira estudantil. Elas manuseiam celas Braille confeccionadas em emborrachado dispostas sobre a carteira. Outras crianças ao fundo, sentadas em suas carteiras observam atentamente.



FIGURA 7. LIVRO SENSORIAL

Fonte: OLIVEIRA, T. L. (2018)

Descrição: a imagem mostra em primeiro plano uma criança em pé, no meio de uma sala de aula, segundo um livro sensorial, correndo sua mão sobre o mesmo. Ao seu redor, em segundo plano, pessoas em pé observam.



FIGURA 8. OFICINA REALIZADA POR CURSISTAS

Fonte: MONTEIRO, N. M. (2013).

Descrição: a imagem mostra em plano geral 11 pessoas em pé segurando um pedaço de papel com escrita em Braille. 02 pessoas estão agachadas, apoiando-se uma na outra. Ao fundo, a lousa branca.

5 | RESULTADOS

No desenvolvimento do curso foi construído também o projeto para a execução das oficinas (com carga horária de quatro horas), suas atividades e o público. Inclusive várias instituições solicitaram nossas oficinas, o que possibilitou a realização de cerca de nove oficinas distribuídas entre equipes dos setenta e cinco cursistas participantes. Temos demanda de cursos para este ano de 2019, com público diferenciado.

Realizamos também a sinalização em Braille de alguns espaços do Departamento Campus XI – Serrinha e do Instituto Federal Baiano – IFBa Campus Serrinha, a partir da construção de projetos específicos com a descrição dos espaços a serem sinalizados e as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas. Ao total já ministramos oficinas em cerca de oito cidades, como Bandiaçu, Barrocas, Biritinga, Conceição do Coité, Feira de Santana, Teofilândia e Valente.

Tivemos também a participação dos cursistas em Seminários realizados na cidade, onde assumiram a responsabilidade de apresentar trabalhos (sessões de comunicação, pôster, espaço de diálogos e práticas), com as experiências construídas a partir do curso de Braille, e também a realização de oficinas, com a construção de projetos e materiais específicos para atender ao público dos respectivos eventos.

As ações de extensão se firmaram não apenas na tentativa de conhecimento da realidade do estudante com deficiência, das lacunas na formação docente, mas sobretudo numa aproximação entre os cursistas de Braille e as escolas onde desenvolve-se a ação educacional na modalidade inclusiva, com eixo na compreensão da deficiência, na qualidade da prática pedagógica, bem como do ensino ministrado e a reflexão das condições de infraestrutura adequadas onde os estudante com deficiência encontra-se incluído (ou apenas inserido).

6 | CONCLUSÃO

O trabalho realizado atingiu um grande público, levantando uma discussão e reflexão importante a respeito do conhecimento e utilização do Braille, em especial pelos profissionais da Educação. Cada vez mais tem se mostrado urgente a necessidade dos professores adaptarem-se a uma realidade em que a diversidade é inerente. É preciso compreender que não é o aluno com deficiência que deve adequar-se ao ambiente educacional, mas este deve adequar-se para atender as especificidades dos seus alunos. O curso permitiu essa reflexão tanto pelos professores já atuantes na área da Educação Especial e Inclusiva, como pelos estudantes em formação.

Discutir sobre diversidade se faz necessário pois a nossa cultura ainda está pautada numa visão pouco afirmativa sobre as diferenças, o que não se pode admitir diante das constantes transformações sociais que vivemos. Neste aspecto, a universidade e todas as instituições educativas têm papel fundamental na desmistificação dos conceitos e saberes sobre a diversidade e sobre a diferença.

A pessoa com deficiência precisa de atendimento especializado que permita lidar com sua deficiência e a desenvolver as suas potencialidades. Neste âmbito contribuímos não somente com a inclusão social da pessoa com cegueira/baixa visão, como também no acesso à educação, ao possibilitar que mais pessoas conheçam e aprendam Braille.

A devolutiva que recebemos durante as avaliações das diversas turmas dos cursos de Braille, bem como da demanda que recebemos no ambiente institucional, nos permite acreditar que com a execução desse projeto contribuímos no aprendizado dos cursistas para a escrita Braille, preparando-os para auxiliar seus alunos com deficiência visual, numa atitude de respeito e inclusão. Além das reflexões a respeito do aluno com deficiência visual e seu processo de inclusão, este trabalho propiciou aos cursistas vivenciar através das oficinas a prática de utilização do Braille.

Desse modo, podemos afirmar que este trabalho de pesquisa e extensão contribuiu para o aprimoramento da formação e prática docente na área da Educação Especial e Inclusiva, e mais especificamente, no campo da deficiência visual. Outro diferencial para este curso foi a participação de dois professores cegos, que também atuaram como ministrantes, fortalecendo o protagonismo desses sujeitos e no estabelecimento de novas rotas de aprendizagem e de convivência com a pessoa com deficiência.

Embora não computássemos no curso, ainda fizemos orientação na escrita de artigos científicos para apresentação em eventos, baseados nas experiências das oficinas ministradas pelos cursistas. Assim, entendemos que os mesmos estão construindo suas próprias trajetórias docentes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília: MEC/SEESP, 1994.

IMPERATORE, S. L. B.; PEDDE, V. “**Curricularização**” da Extensão Universitária no Brasil: questões estruturais e conjunturais de uma política pública. Disponível em: <[http://www.congressoextension.mes.gob.cu/documentos/CLEU%20\(VF\)](http://www.congressoextension.mes.gob.cu/documentos/CLEU%20(VF))>. Acesso em: 22/04/2019

ROBENILSON, N. S. **Ser-sendo-cego-no-mundo-com**: descrição fenomenológica compreensivainterpretativa sobre percepções e vivências cognitivas do ler, escrever, pesquisar e produzir conhecimento de intelectuais que não dispõem do sentido da visão. (Tese.). 2018. Disponível em <https://www.repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/29230/1/Tese%20de%20Doutorado%20-%20Robenilson%20Nascimento%20dos%20Santos.pdf>. Acesso em 18/04/2019.

SILVA, M. R. J. M. **Braille, Soroban e Pré-Soroban**: recursos necessários na prática pedagógica ao aluno com deficiência visual. Disponível em: [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/08.%20Braille%20Soroban%20e%20Pr-Soroban%20recursos%20necessrios%20na%20prtca%20pedaggica%20ao%20aluno%20com%20deficincia%20visual%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/08.%20Braille%20Soroban%20e%20Pr-Soroban%20recursos%20necessrios%20na%20prtca%20pedaggica%20ao%20aluno%20com%20deficincia%20visual%20(1).pdf) Acesso em: 22/04/2019.

<http://www.assistiva.com.br/tassistiva.html>

SOBRE OS ORGANIZADORES

KEYLA CHRISTINA ALMEIDA PORTELA - Secretária Executiva formada pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Licenciada em Língua Inglesa e Espanhola pelo Centro Universitário de Varzea Grande – UNIVAG. Especialista em Linguística Aplicada pela Unioeste, Especialista em Gestão de Processos e qualidade pela Uninter, Especialista em Recursos Humanos pela Uninter, Especialista em Gestão de projetos pela Uninter, Especialista em Gestão e Docência em Ead pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Especialista em Didática do Ensino Superior pela Unipan, Especialista em Formação de professores pela UTFPR. Especialista em MBS – Master Business Secretaries pela Uninter. Mestre em Educação pela Universidade de Lisboa e Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCSP). Desenvolve trabalhos nas áreas de educação, ensino e gestão. Atualmente é docente do Instituto Federal do Paraná – Campus Assis Chateaubriand. E-mail para contato: keylaportela@bol.com.br

ALEXANDRE JOSÉ SCHUMACHER – Secretário Executivo formado pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE; Bacharel em Administração de Empresas com Habilitação Administração Hospitalar; Tecnólogo em Comércio Exterior; Doutor com menção internacional em Economia e Direção de Empresas; Tese resultante do processo de doutoramento foi premiado internacionalmente no prêmio “Adalberto Viesca Sada” pela Universidade de Monterrey no México no ano de 2015; possui Mestrado em Administração de Empresas; Especializações Lato Sensu em: Comércio Exterior para Empresas de Pequeno Porte; Docência no Ensino Superior; Administração e Marketing; MBA em Planejamento e Gestão Estratégica; MBA em Administração e Gerência de Cidades; Gestão Escolar; Administração em Agronegócios.. Já atuou como consultor em grupos empresariais em setores específicos; realiza palestras em conferências em temas específicos relacionados a sua área de formação e de desenvolvimento de pesquisas. É Pesquisador de temáticas relacionadas com as empresas familiares e suas dinâmicas. É Practitioner em PNL e Hipnose Moderna. Atualmente é docente do Instituto Federal do Paraná – Campus Assis Chateaubriand. E-mail para contato: alexandre.jose.schumacher@gmail.com

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afetividade 1, 12

B

Braille 27, 28, 34, 35, 124, 125, 126, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137

Bullying 150, 151, 152, 155

C

Controvérsias jurídicas 212, 224

Creche 212, 232

Currículo 30, 33, 34, 35, 92, 105, 113, 212, 231, 358

D

Deficiência Visual 27, 30, 32, 33, 35, 125

Desenvolvimento 51, 62, 66, 71, 76, 78, 100, 152, 202, 211, 223, 224, 225, 226, 260, 285, 300, 305

Desenvolvimento Motor 202

Direitos humanos 178

Disciplina 90

Diversidade 113, 287, 302

Divisão do trabalho 212

E

Educação 2, 5, 2, 12, 13, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 61, 64, 65, 66, 67, 70, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 88, 90, 91, 100, 102, 103, 113, 114, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 136, 137, 138, 140, 141, 144, 146, 149, 150, 152, 155, 156, 157, 158, 159, 164, 165, 166, 167, 168, 177, 178, 191, 192, 200, 211, 212, 214, 216, 217, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 229, 230, 231, 232, 243, 255, 257, 258, 259, 260, 262, 266, 267, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 301, 302, 304, 305, 306, 308, 309, 314, 319, 321, 327, 332, 333, 334, 344, 345, 358, 359

Educação do Campo 36, 273, 275, 276, 280, 286, 287

Educação Especial 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 124, 125, 126, 136, 137, 146, 149, 273, 276, 277, 280, 287, 288, 289, 290, 291, 293, 295, 296, 301, 302, 304, 305, 306

Educação Inclusiva 126, 127, 138, 140, 144, 146, 273, 274, 276, 277, 278, 279, 280, 286, 287, 290, 291, 292, 293, 295, 296, 302, 306

Ensino 1, 29, 34, 35, 64, 72, 73, 78, 103, 150, 183, 184, 185, 186, 192, 193, 200, 225, 257,

259, 260, 261, 262, 263, 267, 272, 297, 299, 300, 303, 304, 305, 306, 307, 309, 312, 314, 319, 320, 321, 322, 323, 325, 332, 335, 337, 342, 347, 359

Ensino aprendizagem 78

Ensino Colaborativo 297, 299, 300, 303, 304, 305, 306

Ensino Superior 1, 267, 359

F

Formação Continuada 273, 276

G

Gestão Educacional 64, 257

I

Interdisciplinaridade 90, 91, 100

L

Leitura literária 342

M

Microcefalia 202, 211

Musicalização Infantil 78

P

Paralisia Cerebral 202, 204

Percepção 149, 179, 183, 186, 187

Pessoa com deficiência visual 27

Política educacional 27

Prática Pedagógica 125

Práticas Docentes 1

S

Sistema Nacional de Educação 257, 258, 272

Surdos 138, 141, 289

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-552-5



9 788572 475525